

INTUIÇÕES DO POÉTICO. UMA POÉTICA PARA A EDUCAÇÃO

Carlos Skliar¹

Intuições do poético.

Acaso ou interrupção?

Me parece que o que torna aleatório o poético é, justamente, o labirinto da travessia, a incapacidade de traçar linhas retas ou utilitárias, o modo como nos expomos ao que percebemos. A poética oferece uma sensação mais de *interrupção* do que de acaso. Quero dizer: atravessar o mundo supõe – dissimulemos ou não, encarnemos ou não – um permanente encontro e desencontro com corpos e vozes de desconhecidos.

Estar no mundo e habita-lo poeticamente talvez suponham algo parecido: desestimar qualquer ideia ou vestígio de normalidade, de costume, desse dar de ombros que significa que “assim são as coisas”. Ali morre parte do mundo e, também, parte de si mesmo.

Se de verdade escutamos, se de verdade olhamos, se de verdade nos passa algo além do relato agradável de nossa existência, as interrupções comandam a linguagem, oferecem um tipo de ditado: “*Escrever, então, olhando-te aos olhos, desejando teu ditado*”².

É ao mundo a quem quisera olhar aos olhos; é ao outro a quem rogo seu ditado.

A perda ou o desvanecimento do eu?

Sem estranhamento, sem perplexidade e, em certo modo, sem o desalento do “eu” não poderia pensar no poético. Ter domínio da linguagem não deixa de ser uma ilusão, uma crença, mas também uma traição em relação a si mesmo. O que anima o poético?

¹ CONICET/FLACSO, Argentina

² Skliar, Carlos. *No tienen prisa las palabras*. Barcelona: Editorial Candaya, 2012, p. 47.

O que origina o gesto de pensar poeticamente a existência se não essa estranha necessidade de traduzir como se possa aquilo que excede à razão, o que provoca frustração, o que transborda, o que se ignora e se seguirá ignorando?

O alheio, o outro, é também a distância necessária para que algo ocorra: se tudo fosse interioridade, se tudo tivesse a ver com o que faz parte de mim e é meu reino, se cada escrita procede de uma voz certa e confessional: onde está a estranheza do diferente, do que não se repete, do que é contingente? Como seria possível pensar poeticamente sem sentir de verdade que é possível olhar, como dizia Pessoa, como se fosse pela primeira vez? A meu modo de ver, a poética supõe uma perda de controle, que as palavras façam sua travessia em mim e em cada um, que meu corpo e os nossos corpos sejam a morada da linguagem.

E, como se sabe, toda morada supõe hospitalidade e hostilidade: encontro e desencontro.

Sair ou Sair-se?

Não, não há que sair. Há que sair-se, que é diferente. Ir-se fora é estar exposto, é estar atento, é escutar, é ser paciente e, de algum modo, também passional. Sucede que o mundo me é muito mais interessante que este “eu” que o percebe e ordena. Não busco transbordar, mas sinto em carne viva o passar dos desconhecidos, o acaso das conversas, as irrupções do inesperado. Uma poética que nasce a partir do estremecimento diário.

Por exemplo: *“Quando amanhece, a senhora de rosto branco se apoia em sua varanda de gerânios jamais abandonados e olha o passar das pessoas pela rua ou, quem sabe, o passar da rua pelas pessoas. O universo é tudo aquilo que cabe na sua mirada. Não seria possível reconhecer essa rua se não fosse pela mulher de tez de lua imutável. “Se está bem ali. Não?”, lhe digo uma tarde de segunda-feira, mais ou menos às cinco. Com sua voz belamente falhada, me responde: “Sim, se está bem fora. É que dentro há demasiadas lembranças”³.*

Me transborda algo, alguém, que não busco e que, sem embargo, existe, está. Me pergunto, então, se a poética não terá a ver, também, com encontrar-se

³ *Ibidem*, p. 44.

com o desconhecido e com os desconhecidos e tentar que a linguagem não traia a surpresa, essa forma inexata que assume a perplexidade.

Necessidade de dizer ou de ser Dito?

Não sinto *a priori* que alguém necessite que algo lhe seja dito e, menos ainda, que serei eu quem o diga. Tampouco penso que há que tornar transparente o mundo para que outros o compreendam. Careço dessa vitalidade impune. Não assumo como própria nenhuma noção de possível *missão* para a poética. Mas não deixo de pensar que o mundo acontece entre brumas e que estamos sempre expostos a partir de uma nudez extrema. O que nos transborda é o incompreensível e o lugar de fragilidade no qual nos encontramos.

Há pouco escrevi: *“Ninguém me pediu estas palavras. O que dizem não provém nem de um rosto, nem de uma recordação confundida pelo tempo, nem de nenhuma ferida exposta. Se escrevem porque sim, porque existe o enquanto, porque há coisas que não são nem estão dentro ou fora; são como esse pranto ou esse riso que não vem a troco de nada; hábitos como iscas da solidão ou como imagens que ficaram órfãs. Há palavras que se atiram ao ar, palavras que se amarram ao solo e outras que não dizem nada. Sem embargo, alguém poderia supor que são estas as palavras que esperava, o que é completamente certo. Como se chegassem de outro lugar, de outra época. Como se não tivessem destino, mas sim destinatários. Palavras que ao serem lidas criam, então, uma curiosa memória nossa: os traços dos nomes e dos pássaros, a infância que se esconde para não ser descoberta, os avós que pela noite regressa. A ninguém, a nenhum escrevo. A ninguém, a nenhum, nunca, lhe direi o que há de fazer, como sonhar, de que lado do sol ou da montanha está seu mundo. Porque de cada um é o silêncio. E de qualquer um poderiam ser estas palavras”⁴.*

⁴ Skliar, Carlos. *Hablar con desconocidos*. Barcelona: Editorial Candaya, 2014, p. 89.

A palavra ou o corpo?

O primeiro é o corpo, o que o corpo não pode deixar de sentir, nem de escutar, nem olhar, nem pensar, nem dizer, nem dizer-se. De certo modo creio numa linguagem habitada por dentro e não apenas revestido por fora.

Como a pele, também a linguagem toma as vezes a forma de um batimento cardíaco ou de uma agitação de respirar ou de um estranho e persistente movimento; outras vezes, se converte em muralha, em defesa, em contenção. Gostaria de não utilizar a linguagem apenas como recobrimento ou encobrimento da vida.

Queria ser capaz de uma linguagem como sentido e não apenas no que pode se parecer com um certo sensualismo. A linguagem como desordem, como desobediência, não apenas contra alguma coisa, uma rebelião junto a alguém, como um tipo de rebelião diante de um mundo que cada vez nos envelhece mais depressa. Uma linguagem a flor da pele, ou uma pele a flor da linguagem.

Filosofia ou poesia? Filosofia e poesia.

Depois do desacordo de Platão, muita filosofia e muita poesia passou diante de nossos olhos e nossa leitura. Lembro, agora, esse texto belíssimo de María Zambrano, *Filosofía y poesía*⁵, onde expressa que uma das diferenças entre o filósofo e o poeta radica na duração do assombro.

O que fazem os filósofos e os poetas com essa duração do assombro ou, inclusive, com a duração do instante? Qualquer resposta seria de uma generalidade imprópria. Mas algo há ali que poderíamos pensar: a tarefa da filosofia, da filosofia seca, da filosofia quieta – salvo exceções muito nítidas- resulta de não permanecer demasiado tempo nem no assombro nem no instante mas buscar a lei ou sua regularidade ou sua estrutura ou sua possível formulação conceitual.

Como se sua função consistisse em completar o instante e reduzir a multiplicidade numa unidade legível; como se se obrigasse a retirar-se das aparências; como se necessitasse sustentar o discurso atento frente aos relâmpagos e os estouros do mundo.

⁵ Zambrano, María. *Filosofía y poesía*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

Talvez se houvesse alguma tarefa na poesia ela seria a de insistir com o instante, permanecer ali ainda engeguecido. Tudo o que quer a poetica é que o instante durasse. Assim escreve, por exemplo, Wislawa Szymborska: “*Evidentemente exijo demais: tanto como um segundo*”. Ou neste outro fragmento da mesma autora: “*Até onde alcança a vista, aqui reina o instante / Um desses terrenais instantes / aos que se pede que durem*”⁶. Ou neste fragmento de Teresa Taffarel: “*Escrever o instante que não é pouco. Inventá-lo, tentá-lo com palavras indóceis. Acomodar os signos em desacordo com o dia. Saber um pouco mais ou um pouco menos. E adivinhar que amanhã haverá outro rascunho indecifrável*”⁷. Ou em Angel González: “*O que resta ou o que fica – tao pouco já- seria suficiente se durasse*”⁸.

O seco e o molhado.

Não penso em outra coisa que na umidade quando convoco a poetica: a umidade permanente nos olhos dos avós, a umidade da memória que não se sustenta, a umidade dos solos por onde fugimos e onde nos ancoramos, a umidade das sensações e dos pensamentos.

O úmido como noção do instável, o quase caído, o que afunda os pés sobre a terra, o frágil; mas também das paisagens chuvosas, os corpos que amam, a solidão e seus murmúrios ainda por decifrar.

Por outra parte, sustento sim a diferença abismal entre o emotivo e o sentimental. É uma frágil e as vezes indissimulável fronteira na qual me mantenho alerta: o emotivo é o comovedor, o indissimulável, a reação sem medida, inclusive quando aparece sob a forma de inferno; o sentimental é a dissimulação da comoção, cuja única pretensão – e sua maior impostura- é a de uma política do efeito e não a poética do desgarramento.

“Há vezes que a linguagem obedece e outras que não. Geralmente não. A pedra, por exemplo, é uma palavra que não te entende. Um gato é, antes de tudo,

⁶ Szymborska, Wislawa. *Instante*. Madrid: Ediciones Hiperión, 2011.

⁷ Taffarel, Teresa Martín. *Lecciones de ausencia*. Barcelona: Editorial Candaya, 2007.

⁸ González, Ángel. *Nada grave*. Madrid: Colección Visor de Poesía, 2008.

uma gramática da rebelião. A lua, obedece claramente. Um desejo –que é a ponta mais rugosa da linguagem– supõe, a partes iguais, desobediência e desordem”.

Nisto creio: que a poética procede de um tipo de desobediência da linguagem. Sem desobedecer à linguagem não haveria nem filosofia, nem poética, nem mundo.

Verdade e acontecimento.

É possível pensar que a verdade, quando se apresenta como conceito, como noção estrita, como uma linguagem da norma, resulta ser uma traição ao acontecimento? Pode ser que o acontecimento, por ser aquilo que é e aquilo de que nada sabemos, deva invariavelmente desconfiar da linguagem?

Se a filosofia busca em seu desespero a linguagem da verdade, a arte parece recolher-se na linguagem, inquieto mas silencioso, do acontecimento. Diz Peter Handke: *“Não traições aos acontecimentos com a linguagem. A arte seria esperar, concentrar-se até que esses acontecimentos se convertessem por si mesmos em linguagem”*⁹. E também aqui poderíamos recordar Nietzsche *“Não temos ouvido para as coisas às quais não nos deram ainda acesso os acontecimentos da vida”*¹⁰.

As coisas para as quais não temos tido ouvido nem temos tido linguagem são, muitas vezes, essas mesmas coisas que ocupam, que usurpam, que proíbem o lugar do acontecimento. Essas coisas que acumulamos, empilhamos, classificamos, apenas para extrair a menor e mais minúscula das verdades. Essas coisas que não fazem mais do que fazer-nos desentender e desatender os acontecimentos da vida.

Quem sabe se não é certo que a filosofia e a poesia compartilhem, então, o acontecimento da língua. Sem embargo creio haver algo no seguinte aforismo de Handke que nos leva a pensar na possibilidade de compartilhar a língua já não de um modo equivalente, senão de maneira diferente: *“Os filósofos deveriam ter a fala, e os poetas a escrita”*¹¹. Deixar a fala para os filósofos, deixar a escrita para os poetas. Deixar falar aos filósofos, deixar escrever aos poetas.

⁹ Peter Handke. *História del lápiz. Materiales sobre el presente*. Barcelona: Península, 1972, p. 15.

¹⁰ Frederich Nietzsche. *Todos los aforismos*. Buenos Aires: Leviatan, 2001, p. 23.

¹¹ Peter Handke. *ibidem*, p. 163.

Mas, quem sabe se não é certo também que os filósofos e os poetas são, ao fim e ao cabo, escritores e faladores de uma língua inacabada, incompleta, fragmentária por definição e por destino; donos de uma escrita que revela, então, a possibilidade impossível de deter o vento e ao mesmo tempo de acelerá-lo, de deter o tempo e ao invés de estendê-lo, de deter a palavra e, assim, deixá-la andar sem condições.

A única condição da poética parece ser a de crer nas palavras e ser esse seu único e indestrutível; credo. E mais do que credo, se trata de uma experiência.

O insolúvel.

A poética, como se sabe, mistura a carência e o excesso, a meta e o passado. Daí o insolúvel de seu dizer, da sua escrita. Encontra-se na maldição, quer dizer, assume perigos perpétuos e renascidos na medida em que rejeita, com os olhos abertos, o que outros aceitam com os olhos fechados: o benefício do poético. Não pode haver poética sem temeroso receio, do mesmo modo que não existe poesia se provocação.

A poética passa por todos os graus solitários de uma glória coletiva da que está legitimamente excluído. Tal é a condição necessária para sentir e dizer adequadamente. Deve aceitar o risco de que sua lucidez seja considerada perigosa. A poética é a porção do ser humano refratária aos projetos calculados. Pode ser convocado a pagar qualquer preço por este privilégio ou carga. Deve saber que o mal vem sempre de mais longe do que se acredita, e que não morre necessariamente na barricada que se escolheu para ele.

O vértigo e a pressa.

Parece que estamos afetados por uns dispositivos de informação e de comunicação que entorpecem todo o tempo o que queríamos dizer e dizer-nos. As palavras costumam perder sua transparência, sua forma perceptiva e dão voltas e se revolvem, se escondem e naufragam. Uma linguagem de palavras caídas, esmagadas, como dizia o poeta Juarroz. E de certo modo haverá que voltar a pensar em uma linguagem habitada por dentro e não apenas revestida por fora.

Essa é a única luta possível neste mundo. Um mundo que nos envelhece mais depressa. A nós e a nossas palavras.

Mas também haverá que perguntar-se pela linguagem direta, a linguagem seca, a linguagem que não diz mais do que o que quis dizer; uma linguagem acaso sem falsidades, sem tecnologias, sem duplicações. Uma linguagem sobrevivente, quiçá, de nosso suposto domínio ou de nossa incapacidade por dominá-lo. Uma linguagem cuja voz deriva do que nos passa.

Recordo aqui de *Claus y Lucas* de Agota Kristof: dois meninos que vivem nos confins de um povoado durante alguma guerra e se põem a escrever e a tomar decisões sobre a escrita pela primeira vez. Em determinado momento se perguntam como saber se algo do que escrevem está bem ou mal: *“Temos uma regra muito simples: a redação deve ser verdadeira. Devemos escrever o que é, o que vemos, o que ouvimos, o que fazemos”*.¹²

A crueza com que os meninos assumem sua escrita, sua linguagem, não deixa de ser também sua nudez, sua transparência, essa tentativa de que a linguagem diga algo, algo que por sua vez se sinta verdadeiro.

A coisa é que não são estes bons tempos para a complexidade e a ambigüidade da linguagem. Há um predomínio exagerado da rapidez e da eficácia na transmissão e por isso, cada vez mais, vão se apartando algumas formas de expressão poéticas mais rugosas, menos “eficazes”. Sem embargo, não há nenhum motivo para ligar a linguagem à pressa ou à urgência ou ao imediato. Também a linguagem pode ser uma forma de suspensão, uma pausa que sirva para habitar um tiempo profundo, que nos vincule mais à intensidade do que ao cronológico. Não se trata tanto de uma questão de gêneros nem de gerações, mas dessa tensão –tão viva, tão obsesiva- entre a linguagem da informação que exige presteza e consumidores e o da linguagem literária que tenta fazer respirar de outra maneira a seus leitores.

As redes sociais modificaram as formas de escrever e comunicar-se e sem dúvida afetam o ato de ler. Porém, por mais massivas e agora “naturais” que se

¹² Kristof, Agota. *Claus y Lucas*. Barcelona: El Aleph Editores, 2007, p. 31.

tornem essas práticas, há algo na linguagem que faz que sobreviva a qualquer tentativa de fixação ou moda.

É verdade que alguém pode se expressar em 140 caracteres mas também é certo que pode fazê-lo por milhões. Não há nenhuma razão para assumir uma posição definitiva a respeito pois é o caráter contemporâneo o que resolve a convivência ou não entre o novo e o anterior. E não faz falta suicidar formas de escrita e de leitura em nome da novidade. Há um enorme tesouro na linguagem e poder encontrá-lo é de algum modo uma tarefa que nos relaciona não somente com o futuro mas, sobretudo, também com o passado.

O escritor holandês Cees Nooteboom em seu livro *Tumbas*¹³ sugere que o passado é um tesouro que está ao alcance de nossas mãos. Trata-se de realizar uma travessia, de estirar-nos por um livro, por uma ideia, por uma palavra, pela escrita, por outras pessoas.

Além de toda discussão sobre o novo, o inovador, o atual e o contemporâneo na linguagem, as perguntas essenciais ainda supõem um tremor sempre presente: Há algo para dizer? Há algo para escrever? E nessa tentação ao expressionismo e à produtividade da palavra: Há alguém ali, por dentro do que diz, por dentro do que escreve?

E ainda mais: se a questão é apenas um problema de quem e do que é o que emite, há alguém do outro lado que escutará e lerá? Alguém que, simplesmente, deseje uma suspensão, uma pausa?

Uma poética para a educação.

Ler como amanhecer.

O mundo não é só uma fumaça e deserto, deslocamento rápido, viver em filas cujo final é o esquecimento. O segundo mais profundo habita o canto da página – o medo deslizando, a vigília da última palavra, a vontade de ir além de si mesmo. Ler como entardecer: luz fraca, a sós, porque já não importam as maneiras do pensar mas todos os contornos: o perfil de uma terra estranha e nossa, a infância na largura de suas águas, o passeio ao longo da cornija de uma história

¹³ Nooteboom, Cees. *Tumbas de poetas y pensadores*. Madrid: Ediciones Siruela, 2007.

alheia a ponto de ser nossa. Uma hora na qual o tempo já não conta porque passa da confusão ao sono, da névoa banal à confissão extrema, da indolência suja à paixão desordenada. Ler como anoitecer. Os olhos se fecham junto à leitura. O olhar prossegue em sua oscilação descalça. Ler a pele nua. Durante.

Ler como não ter lido antes.

Cruzar um mundo desconhecido, um tempo desconhecido, gestos desconhecidos. De parágrafo a parágrafo, aquilo que parecia alheio começa a existir em mim, como se fosse possível habitar um corpo que não é meu, um corpo diferente do meu, uma voz incógnita. No entanto, ler não é conhecer o desconhecido, nem preencher um abismo infinito com palavras organizadas. Ler é ir desconhecendo-se pouco a pouco. Como se nunca tivéssemos vivido antes.

Pensar como escutar.

Todo pensamento nasce em outro lugar, em outra solidão, em outra pessoa. Não se pode organizar a noite à vontade, nem seguem os rios os cursos que queremos. Um conceito se sustém pela força brutal do que não olhamos, pela banalidade de crer no que apenas está à nossa frente ou tudo aquilo que fica indiferente às palavras. Que pensar, como fazê-lo quando não vamos ao tempo, mas o tempo vem a nós? Pensar a partir do anúncio de um abismo: o que acreditamos antes eram apenas muletas precárias derrubadas ao caminhar de costas. Pensar como desejar: a boca trêmula. Pensar como fragilidade: o sentir é primeiro. Pensar como tremor da língua: devemos nos calar se queremos que algo aconteça.

Olhar como tocar.

Fazer de conta que é possível acariciar as raridades, tocar a parte mais fugidia do sol, a curva do relâmpago ou a transparência dos lados da chuva. Olhar com prudência, para que o tempo desfaça sua própria solidão. Olhar com estupor: como se o desejo estivesse vívido já antes. Olhar com brandura: como se só houvesse infância. Olhar com simplicidade: o olhado não precisa ser nomeado

nem subjugado. Olhar como acompanhar um corpo ainda indeciso. Olhar para afirmar o presente, o que permanece nem muito distante nem muito perto: olhar enredado ao redor. Olhar como o oposto de escapar. Olhar como escutar.

Ensinar como mostrar.

Não como torção que leve à dor: mostrar a árvore que ainda não existe, a trajetória invisível de um som até a sua inesperada palavra, a rebelião de uma ideia e suas cinzas, o momento em que a chuva é posterior à sua pronúncia. Ensinar como indicar, não como acusação de ignorância: indicar o mais distante e o mais próximo, perceber o mínimo e esquecer o absoluto, olhar para os lados como quem submerge em turbulências. Ensinar como dádiva, não como mesquinhez dividida: dar o que nos vem, o que não é nosso, o que ainda não nasce nem morre, dar a voz que já se tinha no instante que não se sabia. Ensinar como partir, não como chegada ao porto.

Falar como conversar.

O mundo dita travessias, enredos ainda vazios, trânsitos ocultos e destinos proibidos. Falar como tocar: as palavras são garras, sobrevoo, pele aberta, ar rarefeito. Falar sem sobrepor corpos. Falar quando o gesto tiver partido, quando ainda não existe dádiva, perdão nem prazer. Falar com voz baixa, sem peias, desprotegida. Falar para dizer o inocultável, nomear algo de luz quando já nada resta, para dar aroma ao deserto, umidade às despedidas. Falar na ponta dos pés quando se é pântano e com o ventre quando se é criança. Falar quando alguém se curva e é de exílio sua impotência. Falar como duvidar, como impor círculos abertos entre as linhas retas, como destruir o hábito da língua. Falar para sussurrar que toda verdade é incerta.

Aprender como escapar.

Escapar da voz alta, da linha que nunca desborda, do que se supõe centro. Aprender como sair: sair ao mundo, ao indeciso, deixar-se levar pelo movimento das coisas, acariciar as periferias. Aprender com aquilo que escapa e escapar com

aquilo que está demasiado quieto. Aprender como dar-se conta de que uma nuvem e outra não formam um pássaro, como inspirar e não como gemido, como pés desnudos em uma terra incerta. Aprender de tudo o que ruboriza, do que treme, do que não tem nome e nasce e morre e já não existe. Aprender para nada. Aprender como inutilidade para enganar o tempo. Aprender durante a queda da folha, durante a descida da chuva, durante o descenso das costas. Aprender com as oscilações, os naufrágios, com o que nunca nos observa. Aprender como fragilidade: expor-se ao vento. Aprender como desejar: olhar uma olhada, desfazer o pensamento.

Desejar como respirar.

Já não há segredo, não há véus nem argumentos ou pretextos. Por isso surpreende: ninguém se acostuma ao próprio corpo desnudo tanto tempo. A roupa sequer está por dentro, tudo é pele, até as vísceras, até o espaço. O desejo e a solidão são inimigos. O desejo é o ar impenetrável que não dorme. A solidão é o hábito. Desejar como morder, como violar os padrões, como o que terá de acontecer antes da morte. Desejar como desrespeitar o roteiro já traçado. Desejar como destruir o pacto com os espelhos. Desejar como a tormenta que nunca acaba. Desejar, não como lei, mas como desordenado fundamento.

Esperar como atravessar.

Nada é tão importante, cada coisa o é: um livro fechado que espera seu canto, um riso solto, a dubiedade da pele. Esperar sem cadeiras, sem portas fechadas. Esperar o passado no presente, como se o que viesse fosse uma desatenção. Espera-se em retrospecto porque o futuro tem rosto amargo, sujo, voraz. Esperar como tremer: os olhos esperam pelo que os pés caminham, espera a boca aquilo que ainda não dirá. Esperar como uma floresta claro-escuro. Esperar a chuva sem buscar abrigo, esperar o amor sem revelar a despedida, esperar a criança sem obrigá-la à noite. Esperar como transformar-se. Esperar como contenção.

Educar como caminhar.

Encontrar o próprio passo, o próprio peso e a própria leveza, a breve e fugaz medida dos átomos, as circunferências e as páginas escritas ou ainda em branco. Sair de si, do que se é, do que se sabe: o idêntico a si mesmo só traz idiotia e peso morto. Ir-se ao mundo: às tumbas dos poetas, aos céus próximos, ao passado menos recente, à duração do frágil, aos gestos ainda estão imóveis. Educar como apartar-se, afastar-se de casa, longe de todo ponto de partida. Educar como respirar: nada se aprende da asfixia. Educar como escapar: da apatia, da tirania, da voz paralisante. Educar como voltar ao lugar onde nunca estivemos antes.

Escrever como não morrer.

Ao contrário: há demasiada vida quando as palavras percorrem os lugares abandonados, as aleias escuras onde o corpo não passa, a claridade impossível de uma tarde quando ainda é madrugada. Mas a vida significa muitas coisas: a casa sozinha, o desterro de cada um, o abismo no qual surgimos, a voz que é o fio mais débil para dar nó e, sobretudo, os olhos que se abrem e começam a desejar o que nunca viram. Dizer o que já se disse, mas com outras palavras. Descobrir o segredo que nunca nos confessaram.

Corpo como linguagem.

O corpo não como fronteira: o que o corpo não pode deixar de sentir, nem escutar, nem olhar, nem pensar, nem dizer, nem dizer-se. Uma linguagem habitada por dentro e não apenas revestida por fora. Como a pele, também a linguagem toma às vezes a forma de um pulsar do coração ou de uma agitação da respiração ou de um estranho e persistente movimento; outras vezes, transforma-se em muralha, defesa, freio. Não se deveria usar a linguagem apenas como recobrimento ou encobrimento da vida. Deveríamos ser capazes de uma linguagem como sentido e não só como sensibilidade. A linguagem como desordem, como desobediência, como uma espécie da rebelião diante de um mundo que nos

envelhece cada vez mais depressa. Uma linguagem à flor da pele. Uma pele à flor da linguagem.

O outro como desconhecido.

Falar com desconhecidos significa não saber o mundo de antemão, não conhecê-lo jamais, sentir-se parte de uma peça irremediavelmente decomposta, olhar para a imensidade como se nunca deixássemos de ser crianças em estado de infância. Um estranho traz uma nova voz, uma irrupção que pode modificar o pulsar da terra, um gesto que nos faz rever a coisa já conhecida, uma palavra antes ignorada. E é questão de escutar, não de concordar. Concordar ou não com algo que não pensávamos ou não olhávamos antes não importa nem um pouco. O que vale a pena é assumir o desnudamento extremo de um sonho que ainda não nasceu.

Saber como soltar-se.

Quem *já sabe* está amarrado a uma coisa que deseja mover-se todo o tempo. Não percebe que é o outro que nos vai puxando: um cão passeia seu dono, uma mesa recebe os comensais, um peixe inanimado nos diz da água impura, a noite nos deixa vulneráveis. E algum livro - isto é, algum amigo - nos dá as palavras que nunca tivemos.

Verdade como atenção.

É somente questão de escutar. Como se não houvesse mais que uma linguagem que nunca é tua, feita de fragmentos que não se possuem. Como se por um instante o alheio ficasse próximo, e o que chega perto virasse teu próximo. Como se deixasses teus ouvidos no meio do caminho e prescindisses de toda palavra conhecida. Como se cada desconhecido encarnasse a possibilidade de uma verdade.

Perguntar como esvaziar.

Até bem pouco tempo o humano era desconhecido do humano. O desconhecido causava paixão e medo e assim era a vida. Cada qual fazia o que podia: amava com diferentes partes do corpo, sonhava com outro tempo em outro lugar, olhava longe e pensava perto, reclamava para si o que ainda não era de ninguém nem existia ainda. Havia aqueles que nada podiam, é claro. E também aqueles que podiam bastante e duravam uma rajada. Se for verdade, como se diz, que os tempos mudaram e que nada é como foi, talvez seja porque o mundo está repleto de especialistas e porque a incógnita parece estar vazia.

Ignorar como buscar.

Não saber que palavra é aquela que pronuncia o primeiro tremor e seu possível desfalecimento. Não saber quem guarda as histórias que nunca se contam ou o silêncio que persiste além da consolação. Não saber desde quando uma sombra nos segue nem quando nos deixa. Não saber o que é a chuva quando ainda não veio, nem o rastro de um pássaro quando ainda não alçou voo. Não saber de que é feita a beleza, a não ser de fé, cegueira e fogo. Duvidar sempre do lado do pesadelo em que estamos, bem como nunca saber se houve um sonho ou se fomos sonhados por outros. Não ter noções sobre o amor quando se ama e ainda menos sobre a vida no instante em que tudo está demasiado calmo. Não imaginar o decorrer do tempo, porque não há som, osso ou sangue que consiga estancá-lo. Desconhecer o que se seguirá à voz que nos chama, ao corpo que vem, ao ardor que abraça. Tudo o que sabemos de nós provem de cada uma de nossas ignorâncias.